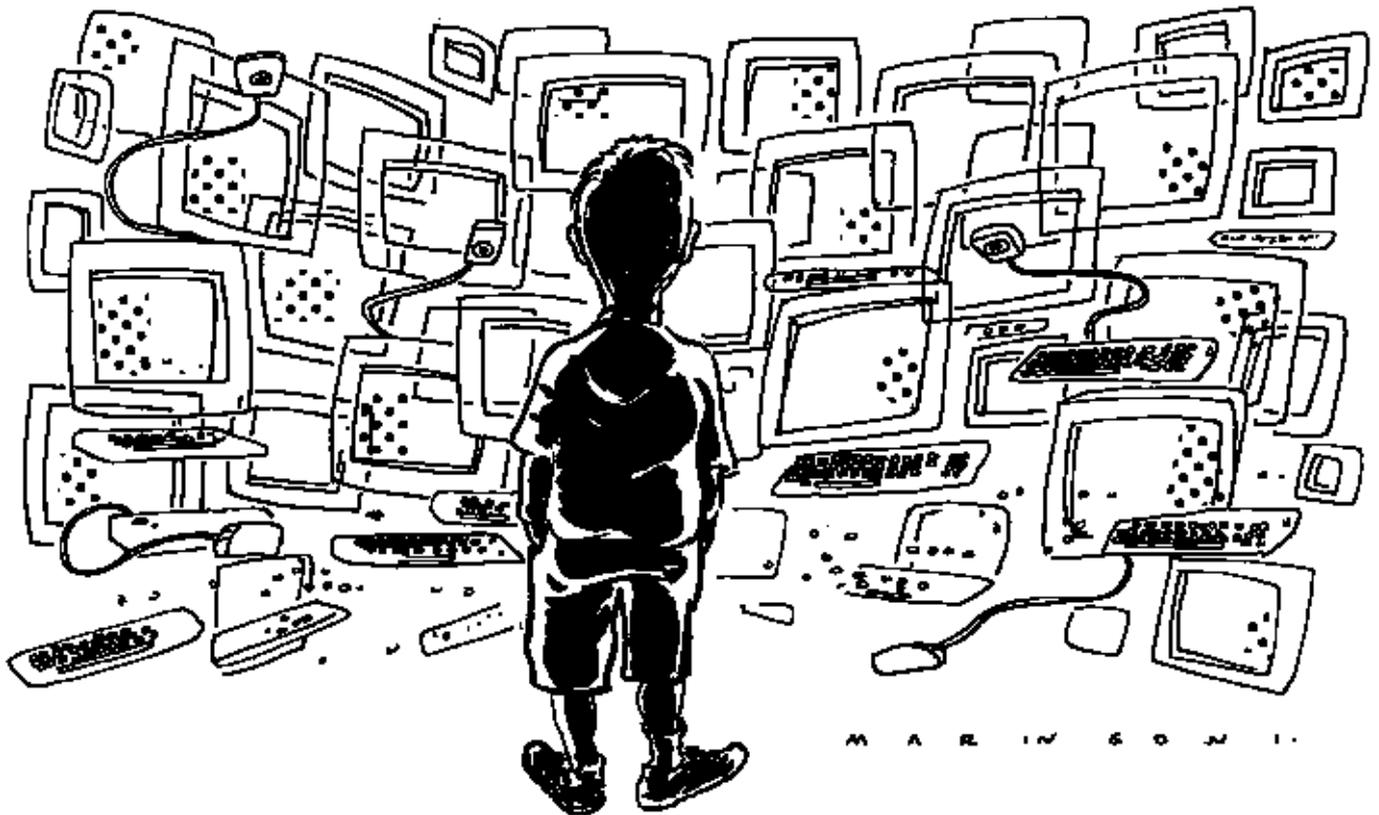


INFORMATIZAÇÃO DO ENSINO E O PODER

F.C. de Sá e Benevides



Preocupa-nos o entusiasmo de alguns educadores pela introdução da informática no ensino. É o mesmo entusiasmo, já tantas vezes ocorrido entre nós, sobretudo nos níveis elevados da tecnoburocracia, por inovações que transformam-se em modismos, sob pressão cultural do 'efeito demonstração'. A eles se deve a acumulação de resíduos para descontinuidade das políticas de governo, que inibe a tomada de consciência de nossas realidades e, conseqüentemente, bloqueia tomadas adequadas de posição

no sentido de soluções racionais de nossos problemas socio-culturais e socio-econômicos, refletidas na ausência de um projeto nacional como política de Estado.

Capistrano de Abreu chamava a essa predisposição de imitar de 'emoção de inferioridade', que, segundo ele, explicava-se pela sedução exercida pelas criações em sociedades, que suponhamos dotadas de superioridades culturais e racionais, ou seja, uma atitude própria da mentalidade colonial. Cem anos depois dele, a geógrafa Suzan Cunningham, da Oxford University, que aqui veio estudar o 'milagre brasileiro', perguntada

sobre o que considerava nosso maior erro, na entrevista coletiva que concedeu, respondeu: "imitar soluções dadas em países desenvolvidos como os Estados Unidos, Inglaterra ou Alemanha, só porque lá deram certo, esquecendo-se das especificidades do Brasil".

Todavia, o quadro dramático, que se desenha nos países líderes do industrialismo, nos permite concluir que esse 'deu certo' é de valor relativo. Aí estão esses mesmos países, com massas crescentes de desempregados e subempregados; os primeiros somando em alguns casos, mais de 12% da força de trabalho. No

campo da saúde, como produtos emocionais de caráter compulsivo, vemos os médicos ingleses preocupados com o aumento assustador dos índices de doenças depressivas. Nos Estados Unidos, além do aumento em dois anos de 14% dos que vivem abaixo da linha de pobreza, totalizando 34,3 milhões de pessoas, em 93 a comunidade médica se confessa despreparada para enfrentar a obesidade epidêmica, enquanto, do outro lado, a desarmonia na distribuição da renda: apenas 1% dos ricos e muito ricos detêm o equivalente à renda dos cem milhões mais pobres.

Na Alemanha, há quinze anos, saudava-se os trabalhadores originários de países pobres, como Portugal e Turquia. Hoje, são eles pressionados a deixar o país, inclusive pelos grupos nazistas que tiveram vitórias nas últimas eleições. No Japão, o *stress* generalizado pela coercitiva política social da eficiência e produtividade crescentes, que, não raro, leva adolescentes ao suicídio.

Não obstante esse quadro, que mostra sociedades ditas avançadas em processo de autodestruição, continuamos amarrados ao 'efeito de demonstração' nos termos postos por Gino Garmani, ao desdobrar os conceitos originais de Duesenberry, para expressar a pressão cultural das áreas desenvolvidas sobre as subdesenvolvidas. Pressão que desperta ansiedade e emulação, que, atendidas por soluções de fachada, transferem às elites dirigentes prestígio junto às massas. Isso entrava a mobilização destas e dilui a vontade nacional.

Torquato Di Tella, em cima desses conceitos, formulou o que ele mesmo chamou de 'efeito fascinação', que teve em Ragnar Nurkse a melhor definição. Di Tella falou do fascínio com que os intelectuais dos países periféricos postam-se em relação ao que é dito e feito nos considerados desenvolvidos.

É nesse contexto que paira, à

superfície, o entusiasmo pela informatização do ensino, sem que se dê conta mais uma vez, de estar acrescentando às elites dirigentes mais poder, para salvaguardar-se do *status quo* parasitário e conservador e ampliando-lhes as facilidades para servirem aos interesses externos, os quais não são nossos. Os nossos são de desenvolvimento autonomizado; os deles são os de nos manterem em estado permanente de dependência, ou seja, como área de reserva estratégica do poder hegemônico no continente.

O raciocínio linear cartesiano é insuficiente à elaboração de juízo sobre as relações de poder no processo histórico. Em nosso caso, tem levado à passividade, ao conformismo, ou ao entusiasmo pelo mito da modernidade da 'aldeia global'. Só que de um único cacique todo-poderoso após a decantada destribalização nacionalista: renúncia à soberania e ao Estado-nação, e, conseqüentemente, negação da cidadania. Isso porque, tais renúncias e conseqüência implicam adoção do 'moderno' Estado-região: o Brasil dividido em republiquetas departamentais do Primeiro Mundo.

Trata-se do projeto da Nova Ordem Mundial apoiada na tese do Fim da História, que admite o neoliberalismo como a última etapa da evolução da Humanidade, ou seja, a contra-ideologia da ideologia utópica marxista.

É preciso, pois, bloquear o desenvolvimento autonomizado do Brasil, porque geopoliticamente é o único país do Terceiro Mundo com potencialidade de romper a estrutura hegemônica do poder da Nova Ordem Mundial e abrir espaço para ascensão das sociedades periféricas. E isso se deve à mentalidade aberta e versátil de nosso povo, produto da rica miscigenação de raças e culturas, a qual já vinha da gente lusitana, mestiça dos negróides de Cro-Magnon, sucedidos pelos celtas arcaicos a quem se juntaram fenícios, depois

godos e visigodos, tendo de perseguido, vândalos e mouros.

A informatização do ensino há de ser examinada no contexto da evolução da comunicação social até se transformar em arma do poder das minorias sociais em cada país e da minoria dos países que detêm capacidade de comando nos centros de decisão do sistema.

A tecnologia eletro-eletrônica dos meios de comunicação, principalmente o rádio, a televisão e o cinema, acoplada às dos computadores binários, compõem sofisticado dispositivo da dominação à distância e o alvo dessa dominação, nos limites do nosso continente, são os países periféricos latino-americanos (ao sul do rio Grande) como históricos quintais dos Estados Unidos. Dentre eles, o Brasil é, sem dúvida, o mais importante, dado seu incalculável potencial de recursos minerais estratégicos e críticos, de que carecem todos os países do Primeiro Mundo, acrescidos daqueles da biodiversidade, como matéria-prima da indústria química fina, da indústria farmacêutica e da produção de energia responsável e não-poluente. Indispensável, portanto, que permaneça como reserva estratégica dos Estados Unidos, para garantir-lhe a presença hegemônica nos antagonismos com seus atuais sócios, que poderão amanhã ser seus inimigos.

A informatização e a comunicação social têm sido objeto de acuradas pesquisas, coordenando conhecimentos de psicologia, de sociologia, de antropologia, de economia e política. Nos Estados Unidos, essas pesquisas têm sido em boa parte financiadas pelas grandes organizações econômicas do complexo Pentágono. O Sociólogo Wright Mill, em "Imaginação na Sociologia", escreveu que tais financiamentos funcionam como processo de cooptação das comunidades acadêmicas, interessado no jogo do poder, repassado a congêneres dos países periféricos pela via do 'efeito demonstração'.

Os computadores digitais servem de suporte à estratégia de desinformar informando dos referidos meios, sobretudo a televisão, por alcançar simultaneamente milhões de receptores de mensagens, condicionando-os aos objetivos do transmissor, conjugando som, imagem e efeitos especiais. Nesse processo são empregadas as três categorias de imagens: a representativa, a afetiva, mais relacionada com o inconsciente, e a imagem motora que exerce a pulsão para.

O fascínio da informatização, com possibilidade de utilização em fração de segundo de milhares e milhares de informações, dissimula o propósito de bloqueio da faculdade reflexiva do receptor. Por isso, Newmann, ampliando os conceitos de Watson a respeito da modificação do comportamento na sua teoria behaviorista, baseada na possibilidade de formular leis para o inconsciente, já que para o consciente isso seria impossível, afirmou poder-se condicionar o comportamento, segundo programas preestabelecidos.

Skinner, por outro lado, com a teoria do Reforço e Estímulo (RE), evidente desdobramento da reflexologia filosófica de Pavlov e de Bechterev, chegou a fazer experiências bem sucedidas com grupos de soldados, na última guerra mundial.

Tanto Newmann quanto Wiener, o criador da Cibernetica (1948), que puseram em destaque a analogia da lógica humana com a dos computadores digitais (uma curiosa inversão, que explica porque o 'homem do ano - 1991' foi, nos Estados Unidos, um robô) omitiram que suas idéias cibernéticas lhes vieram dos trabalhos de Sechenov (1863), demonstrando que o cérebro era a representação do mundo exterior e funcionava, acionando o tecido muscular responsável pelas reações orgânicas, através de circuitos neuronais (elétricos) captadores e transmissores de sensações tal como um sistema cibernético. O

próprio Watson, talvez se tenha valido, para afirmar a unicidade da mente e corpo, contrariando a tese da dicotomia entre eles.

Nas referidas pesquisas, antes mencionadas, todas as teorias e sistemas psicológicos foram revisitos e aproveitados no que não se contradiziam. Nem mesmo as fantasias matemático-estatísticas de Fechner para concluir a equação: "a sensação cresce como logaritmo da excitação". Isto porque, é milenar o conhecimento de que o aumento das sensações, além de certos limites, provoca dor e sofrimento, o que vale dizer que o cérebro chega ao ponto de total inibição, quanto à recepção de mensagens, da reflexão. Daí, por dosagens adequadas de excedentes de excitação, impregna-se o cérebro com imagens virtuais das coisas e fatos, que desvanecem a imagem real do meio, de acordo com os objetivos do transmissor, implícitos na estratégia de dominação.

Nesse particular, relativo ao uso dos computadores da forma referida, é interessante lembrar que o sistema binário em que operam, do sim e do não, tem suas raízes na lógica binária de George Boyle, que, no final do século XIX, ao desenvolver a Teoria dos Conjuntos de Cantor, demonstrou que qualquer elemento pode ter a alternativa, e não outra, de estar ou não estar dentro de conjuntos, isolados ou interseccionados.

Estamos caminhando para a robotização do homem e fazer realidade o Admirável Mundo Novo, de Huxley. É o que transparece, em termos políticos, no Programa Democrático, redigido por Samuel Huntington, teórico da Trilateral. Depois de recomendar entre outras medidas de controle a substituição das culturas nacionais dos países latino-americanos pela cultura norte-americana, conclui: "o que queremos é um fascismo com cara de democracia". De outra parte, Will Marshall, presidente do Progressive Institute

(Washington), referindo-se aos meios de comunicação de massa, afirma que os Estados Unidos são nisso privilegiados, porque a propagação de suas idéias tem suporte na demanda da música (norte-americana), na televisão, em filmes e outros recursos da cultura de mídia.

Na Holanda, os educadores mostram sua preocupação. As crianças já falam com entoação e ritmo dos computadores instalados em 'robôs' e estão perdendo a sensibilidade afetiva, essa riqueza da alma humana, que até em alguns animais é manifestada. Será o mundo novo de Huxley, não resta dúvida. A ele poderemos ser levados, à medida que se der o condicionamento da felicidade da dependência aos poderes externos, para nos colocarmos 'sob a proteção benevolente do mais forte', conforme explicitado na Nova Estratégia do Poder Norte-americano, da qual resultou o Consenso de Washington e, em seguida, a Cúpula da América. Esta pôs, genuflexos diante do cacique todopoderoso, os chefes de Estado e de governo do Continente.

A dificuldade de inter-relacionar os fatos e suas circunstâncias nos lembra Djacyr Menezes, em "Perspectiva Antropogênica da História", de um lado, e, do outro, Normam Birnbaun. O primeiro ao afirmar que falta ruminação intelectual para transformar a erudição em cultura, o que, também, acontece com os especialistas, que se isolam nas áreas de suas preferências e perdem os vínculos comunicativos com a História, indispensável à cultura e ao enriquecimento da personalidade. O segundo, em "A crise da sociedade industrial" (conferências no Trinity College) resume a crise atual do mundo na crise da cultura, exatamente no sentido exposto por Djacyr Menezes.

FC. de Sá e Benevides é jornalista, colaborador do Jornal do Commercio/RJ.